Entre o céu e a terra: religiosidades e mudanças climáticas

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

No dia 23 de agosto, KOINONIA recebeu lideranças de diferentes religiosidades, pessoas pesquisadoras, e representantes da política nacional para discutir a importância de encontrar na fé e na identidade étnica, cultural e religiosa um caminho de conhecimento, de conscientização e de engajamento das comunidades no combate ao negacionismo climático e ao racismo ambiental. O evento reuniu cerca de 70 pessoas convidadas entre representantes de organizações da sociedade civil, pesquisadoras e lideranças religiosas, além das associadas de KOINONIA, que comemorou com a atividade seus 31 anos de atuação em defesa da democracia, dos direitos humanos e da justiça socioambiental.

KOINONIA
Presença Ecumênica e Serviço
actaliança

Apoio
Brot für die Welt
HEINRICH BÖLL STIFTUNG RIO DE JANEIRO
CCFD TERRE SOLIDAIRE
iCS 10 ANOS instituto CLIMA e SOCIEDADE

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Ameaças e perspectivas da luta climática nos contextos local e global

A primeira mesa reuniu Aurélio Vianna, Oficial de Programas Sênior do Fundo Territorial Tenure Facility; Sergio Portela, representante da equipe de pesquisa da Estratégia da Fiocruz para Agenda 2030 e Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental; Carla Monteiro, assessora do mandato da deputada estadual Dani Balbi (PcdoB) e Emerson Luiz Ramos, Babalorixá e liderança do Quilombo Santa Rita do Bracuí (RJ).

Ana Gualberto, Diretora Executiva de KOINONIA, abriu o evento com a música Fé de Iza, e imagens sobre as águas do Rio Paraguaçu, um dos maiores rios da Bahia, um dos estados onde são conduzidos projetos importantes como Comércio com Identidade e Agentes Quilombolas de Ação pelo Clima. “Estamos aqui e viemos de tantos lugares como terra que anda...pertencidos na corporeidade da Mãe Terra e na pureza d’água que desce as montanhas em seu caminho para o mar”. Foi assim, saudando as águas e a vida, que Ana celebrou a oportunidade de estar entre pessoas aliadas para discutir as mudanças climáticas às vésperas da COP30, desejando que o evento pudesse “iluminar a temática ambiental e seu cruzamento com os espaços de religiosidade”.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Sem folhas não tem Orixá

O Babalorixá Emerson Luiz Ramos abriu o debate, lembrando o ditado “sem folhas não tem Orixá” (Kò sí ewé, kò sí Òrìṣà!) que reflete a centralidade da natureza nas religiões de matrizes africanas, especialmente o Candomblé, significando o elo com o mundo espiritual e a fonte da força dos Orixás. Emerson destacou a interdependência entre seres vivos e meio ambiente em um ciclo perfeito que agora se vê afetado pela ação humana. Como liderança do Quilombo de Santa Rita de Bracuí, Emerson declarou viver o impacto da emergência climática em sua comunidade, reincidentemente afetada e cada vez com mais gravidade pelas chuvas na região da Costa Verde no estado do Rio de Janeiro. A comunidade tem uma história de resistência e luta pela posse de suas terras, doadas em testamento aos escravizados libertos, mas que mesmo assim segue em um longo processo de reconhecimento para titulação definitiva em paralelo às ameaças da especulação imobiliária. O Rio Bracuí segue sendo assoreado pelos desmatamentos e chuvas sem que o poder faça nada para evitar e soma-se a isso o agravamento das condições climáticas na região, cenário que levou à redução das espécies de peixes e da biodiversidade local e afeta a segurança e a qualidade de vida quilombola. O testemunho do Babalorixá, que segue tratando sua comunidade a partir da “colheita do sagrado em seu território” deixou uma reflexão entre as pessoas participantes sobre o quanto a resistência das comunidades quilombolas é vital para a proteção dos nossos biomas em um vínculo potente de respeito e troca entre a tradição, a religiosidade e a natureza.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Vai chover forte

Em seguida, Sergio Portela, fez um depoimento poético e emocionado, que surpreendeu e comoveu as pessoas participantes, iniciando por declarar sua religiosidade de matriz africana e o conforto de estar em um ambiente onde todas as formas de fé convivem em comunhão. “Toda palavra tem seu preço e vou me arriscar! O céu está armado... A tempestade vai cair...não há retorno”, declarou e como pesquisador apontou dados: 40 pontos de não-retorno ligados a concentração de CO2 na atmosfera. “Encontramo-nos em uma situação crítica: a concentração de CO_2 atmosférico já ultrapassa em 150% os níveis pré-industriais; o nível médio do mar vem subindo cerca de 4,5 mm ao ano; os últimos dez anos foram os mais quentes desde o início dos registros meteorológicos; e os oceanos atingem temperaturas e níveis de acidificação recordes, desequilibrando os regimes climáticos planetários”. E seguiu lembrando que no Brasil os sinais da crise também se manifestam de forma dramática: “secas prolongadas assolam o Norte e o Nordeste, enquanto o Sul e Sudeste enfrentam chuvas extremas seguidas de inundações – eventos antes raros que agora ocorrem em escalas inéditas, frequentemente acompanhados de incêndios florestais de grandes proporções.

Essas mudanças já não são mais projeções de modelos científicos distantes, mas realidades que ameaçam a segurança hídrica, a produção de alimentos, a saúde pública e a própria infraestrutura das cidades”.

Sergio citou Carlos Nobre, climatologista e referência internacional em aquecimento global, que alerta que o mundo pode passar do ponto de não retorno climático até 2050. Isso significaria, por exemplo, a extinção de todos os recifes de coral do mundo, a perda de 50 a &0% da Amazônia e o descongelamento do permafrost, que é o solo congelado da Sibéria, do Canadá e do Alasca, se a temperatura passar de 2,5°C. O pesquisador apresentou verdades inconvenientes sobre a perspectiva de impactos severos nas regiões tropicais e os danos aos corpos e à saúde mental, apontando a responsabilidade das organizações da sociedade civil na cobrança de políticas públicas que possam amparar este futuro cenário de altas temperaturas no planeta. Terminou sua fala com a inspiração de um poema de sua autoria “Mesmo sendo meio dia, sol a pino, ela me deu boa noite”, sobre a construção de caminhos de acolhimento no desafio climático na vida em comunidade e na espiritualidade.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

O protagonismo dos saberes ancestrais

A próxima a falar foi Carla Monteiro, criada dentro do asé É Yaegbé do Ilê Oba N'la, terreiro fundado em 1968 por Mãe Edelzuita sua avó carnal. Artista de terreiro e professora de dança Afro, é militante política com ampla atuação no movimento de base do PCdoB e atualmente é assessora parlamentar da deputada estadual do Rio de Janeiro Dani Balbi, coordenando o Grupo de Trabalho de Povos Tradicionais de Matriz Africana. Frente às perspectivas alarmantes apresentadas por Sergio, Carla falou sobre o quanto a população afrodescendente conhece as situações extremas, pois sua história tem a marca do caos dos porões dos navios negreiros. "Portanto, é certo que teremos o protagonismo nessa luta, porque se não formos nós com a sabedoria ancestral e o poder das nossas sacerdotisas a liderar a busca por soluções e justiça climática, não vai ser mais ninguém. A esperança vem desse lugar, vem de dentro do Axé. A gente tem a missão de sobreviver no cenário da necropolítica e são os nossos saberes que salvam vidas em total interdependência com a natureza".

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Rio 92 e COP30: Da cooperação internacional ao negacionismo ambiental

Aurélio Vianna iniciou sua fala citando o livro "A clínica rebelde", biografia do médico, escritor e ativista Frantz Fanon, intelectual e ativista negro que lutou pela descolonização da psiquiatria. O convidado se declarou muito impactado com a leitura e com a oportunidade de estar discutindo a crise climática sob a perspectiva da religiosidade dos povos de matrizes africanas exatamente quando reflete sobre os ensinamentos decoloniais do biografado. Aurélio concentrou sua exposição na comparação do contexto mundial no período da Rio 92, que avançou nas discussões climáticas internacionais sob a ótica da cooperação, com o contexto atual em que ocorrerá a COP30. "Naquele momento havia um espírito e uma agenda comum para enfrentamento aos desafios climáticos globais, e também avanços na democracia na América Latina e na África. No Brasil, tínhamos passado pela constituinte em 1988, que inclusive passou a assegurar os direitos dos povos tradicionais. Também o assassinato da liderança ambiental Chico Mendes chamara a atenção para a questão dos direitos territoriais, não é só sobre a floresta em pé, é sobre a gente que mantém a floresta em pé e viva. Não podemos negar que, embora atualmente vivamos um período de imenso retrocesso, houve avanços significativos nos mais de 30 anos de lá para cá. No Brasil, garantimos mais de 160 milhões de hectares reconhecidos como domínio e direito de comunidades tradicionais, embora destes somente cerca de 1 milhão de hectares para comunidades quilombolas. Por quê? Infelizmente, porque a legislação de acesso aos territórios quilombolas é racista", afirmou. Aurélio seguiu seu raciocínio, comparando o contexto favorável da Rio92 com o ambiente hostil que vivemos hoje internacionalmente. "O momento hoje é oposto a 1992, vivemos um retrocesso em relação à democracia e a garantia de direitos em todo mundo e o crescimento da extrema direita. Qualquer ação multilateral é torpedeada e, por isso, estamos local e mundialmente menos preparados para enfrentar os desafios climáticos, que se agravaram. A ordem mundial do pós-guerra está completamente debilitada e não temos ainda uma nova ordem", destacou.

Mas, o depoimento de Aurélio deixou uma mensagem de esperança. O pesquisador se diz otimista porque no Brasil e na América Latina a sociedade civil está mais organizada: "Hoje são incontáveis as causas e estão mais articuladas. As pautas de direitos têm maior visibilidade do que em 1992". E deu como exemplo o Processo de

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

socioeconômicas. “Eles buscam o reconhecimento de seus territórios e a garantia de condições dignas, enfrentando a discriminação histórica, a violência e as desigualdades socioeconómicas que afetam a população afrodescendente no país”, contou sugerindo o modelo de atuação.

O Prof. Dr. Babalawô Ivanir dos Santos, presente ao evento, pediu a palavra: “É importante lembrar que KOINONIA fez um importante trabalho na constituinte de 1988 e havia um capítulo específico sobre as comunidades afrodescendentes, mas não foi aceito, essa é a verdade. Precisamos nos fortalecer para articular uma construção continental de afrodescendentes que reúna os dois tipos de ciência: a acadêmica cartesiana e a tradicional não cartesiana. Estou otimista. Em 21 de setembro teremos a Caminhada pela Liberdade Religiosa e Sustentabilidade, possivelmente com a presença da ministra Marina Silva, no Rio de Janeiro. Precisamos discutir a cooperação internacional em um modelo de financiamento para empoderamento de pessoas negras pesquisadoras”.

Aurélio disse ver uma oportunidade única na COP30 pela força da presença de mulheres negras e indígenas no Governo: Marina Silva

no Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, Sonia Guajajara no Ministério dos Povos Indígenas e Anielle Franco no Ministério da Igualdade Racial. “É muito potente essa reunião de forças e saberes. E mais: Marina Silva tem também um papel muito importante no combate ao fundamentalismo religioso. Há muito a fazer, mas a despeito de um cenário internacional desfavorável, estamos acumulando forças de mudança”. Como última mensagem, citou Chico Mendes com a frase “ambientalismo sem reforma agrária é jardinagem”, fazendo um paralelo de que não há justiça climática sem contabilizar as emissões dos bombardeios. E terminou: “Portanto, em última instância, nossa luta será sempre pela paz no planeta”.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

E as religiosidades, o que tem em comum com a pauta climática?

Tudo. Foi o que confirmou a mesa da tarde, intitulada “Desafios – Quais são eles e como superá-los para garantir justiça climática para todos, entendendo os fundamentalismos como elementos estruturantes das violências e exclusões?”, que apresentou essa a questão atualíssima no cenário nacional, dominado pela pauta conservadora e negacionista em relação às evidências científicas climáticas, muitas vezes sob a manipulação da fé pela extrema direita no país. A mesa que contou com a moderação de Pedrina Belém, liderança do Quilombo de Jatimame (Nilo Peçanha – BA) e educadora de KOINONIA, reuniu Renata Souza, deputada estadual pelo Rio de Janeiro (PSOL), o deputado federal Reimont Otoni (PT), ex colaboradora de KOINONIA Daniela Yabeta, Coordenadora de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola no Ministério da Igualdade Racial (MIR), Isabel Pereira, Coordenadora da Área de Religião e Meio Ambiente do ISER, e Priscilla dos Reis do coletivo Sementes do Amanhã. Na abertura da programação da tarde, a música “Amarelo, azul e branco”, de Ana Caetano e Vitória Falcão, na voz de Pedrina Belém, com versos fortes como “meu caminho é novo, mas meu povo não/ Meu coração de fogo vem do coração do meu país”.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

A importância da caminhos alternativos de comunicação

A deputada estadual Renata Souza abriu o debate celebrando a possibilidade de encontros para discutir estratégias de sobrevivência e destacando a importância de entender os terreiros como espaços de cuidado e cura. “O terreiro reúne cultura, gastronomia, religiosidade e cura”, afirmou. Honrou também com sua fala as mulheres que vivenciaram a violência sobre os corpos em luta por direitos coletivos como Mãe Bernardete na Bahia, Dorothy Stang, no Pará, a Juíza Patrícia Acioli e Marielle Franco no Rio de Janeiro. Destacou que a luta por território se dá também nos espaços urbanos onde a desigualdade e a violência imperam contra as populações vulnerabilizadas pelas milícias e pelo próprio poder público. Destacou a importância da comunicação alternativa nas comunidades, lembrando sua própria experiência quando jovem na favela da Maré quando atuou no jornalismo comunitário. “Estamos em uma disputa de narrativas, onde a esquerda progressista tem um ambiente hostil para sua voz, pois as redes sociais são administradas pela ordem dos algoritmos. Precisamos criar outros espaços de comunicação, mais afetivos e seguros”, destacou a deputada.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

O afeto no centro da questão climática

O deputado federal Reimont iniciou sua participação dizendo que “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”, celebrando a “proposta macro ecumênica de KOINONIA” que inclui as pessoas de todas as religiões e inclusive aquelas que não têm fé. Ele leu também uma carta de meninos de Belém para outros meninos do Brasil, em uma alusão à Ciranda da Constituinte, evento marcante para o processo de elaboração da Constituição brasileira em 1988, quando crianças e adolescentes, liderados pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), realizaram uma manifestação em torno do Congresso Nacional no dia 5 de outubro de 1985. Assim, de forma inspiradora, Reimont trouxe a provocação de que as crianças e os adolescentes devem ser incluídos na discussão climática, já que falamos de futuro. Na época, a ação foi fundamental para que a Constituição reconhecesse crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, com prioridade absoluta em relação a políticas públicas e serviços. E quando falamos de emergências climáticas é sobre o direito à vida digna das próximas gerações que estamos falando. Reimont lembrou também que após ser promulgada a Constituição 1988 e criada a lei de proteção integral à criança e o adolescente em 1990, mais conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente, tivemos derrotas como a Chacina da Candelária, com oito jovens assassinados, e a Chacina da Sé, em 2004, também uma violência contra pessoas em situação de rua.

Reimont destacou sua formação como frade franciscano na Teologia da Libertação, movimento que emergiu, na Igreja Católica, na década de 1960 que considerava a desigualdade social de forma crítica e buscava auxiliar a população pobre e oprimida na luta por seus direitos. Atualmente como Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Reimont lembrou as recentes lutas travadas na casa, enfatizando a importância de focar no processo para resistir, entendendo que a luta não tem princípio nem fim. “A luta por direitos é um fazer permanente. E assim será a luta pela justiça climática. A estratégia mais poderosa vai ser sempre a solidariedade, não renunciar ao afeto”.

Reimont terminou enfatizando como é vital a participação ativa das religiosidades na discussão climática e no combate aos fundamentalismos, que prometem o reino do céu e ignoram os problemas do planeta.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Pauta climática pode abrir espaço de diálogo com parcela conservadora da população

Na sequência, Isabel Pereira, pesquisadora do ISER, citou a definição de Racismo Ambiental do geógrafo Diosmar Filho "o racismo ambiental é a estratificação da população por determinantes raciais, que, através de práticas e omissões de entes públicos e privados, expõe desproporcionalmente comunidades negras e outras populações vulneráveis a áreas com infraestrutura precária, insalubres e de risco". Lembrou também o questionamento da jornalista Mariana Belmont: "qual é a cor dos corpos levados pelas chuvas?" Isabel concentrou sua fala nas desigualdades sociais que são a essência do racismo ambiental, enfatizando que a discussão de alternativas energéticas como fazendas de energia solar e energia eólica também não leva em consideração as pessoas. A energia eólica, por exemplo, causa impactos ambientais como a perda de biodiversidade, a alteração de habitats locais, poluição sonora e visual gerada pelas torres e hélices, além de que o uso da terra para os parques causa conflitos fundiários e desequilíbrios ecológicos. Portanto, a pesquisadora colocou a importância de ouvir as pessoas sobre as mudanças que serão necessárias

Isabel terminou colocando a importância sobre o diálogo amplo com todas as diferentes religiosidades sobre as emergências climáticas. A pesquisadora apresentou resultados de pesquisa realizada pelo ISER na Marcha de Jesus, manifestação pública de fé evangélica, que no Brasil entrou na disputa pela hegemonia cultural e política do país. Surpreendentemente, 70% dos entrevistados declararam estar cientes do aquecimento global e de que ele é responsabilidade da ação humana. De acordo com a pesquisadora, isso abre a perspectiva de discussão sobre o assunto mesmo junto às parcelas mais conservadoras da religiosidade cristã. Outro dado demonstra porque está ficando cada vez mais difícil negar a crise climática: recente pesquisa do Clima Info aponta que 97% dos brasileiros já percebem o impacto do aquecimento global no seu cotidiano.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Plano Clima: oportunidade de redução de desigualdades?

Daniela Yabeta, historiadora, estudiosa do tema e Coordenadora de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola no Ministério da Igualdade Racial (MIR), focou sua apresentação no Plano Clima, política do Governo Federal do Brasil que estabelece ações para o enfrentamento das mudanças climáticas, com dois pilares principais: a mitigação, para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, e a adaptação, para preparar o país e suas populações para os impactos climáticos já existentes e futuros. O plano, previsto na Política Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC), visa a transição para uma economia de baixo carbono, com metas de descarbonização e estratégias para áreas como energia, agricultura, cidades e saúde, incluindo a promoção da justiça racial e social. Daniela destacou que o plano busca reconhecer e abordar como a população negra e outras comunidades racializadas são desproporcionalmente afetadas pelos impactos das mudanças climáticas, e contribuir para soluções mais inclusivas e equitativas, listando 23 ações que têm esse foco. O plano temático de Igualdade Racial para o Clima propõe ações que fortaleçam a resiliência dessas populações, considerem suas necessidades e visões, e as incluam no processo de construção da política climática. De acordo com a pesquisadora, será necessário aguardar a execução das ações propostas para avaliar sua efetiva intervenção positiva na realidade dos territórios.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

O potencial pedagógico das comunidades de fé

Priscilla dos Reis, representante do Coletivo Sementes da Democracia, movimento político, suprapartidário e de esquerda, iniciou sua exposição reconhecendo a importância do Plano Clima em sua perspectiva de reconhecer que as mudanças climáticas têm impacto desproporcional em populações vulnerabilizadas e que, portanto, se trata de um tema que só se pode tratar em cruzamento com discussões de equidade e direitos humanos. “Há uma dívida climática que tem que ser paga pelos países historicamente mais ricos e industrializados, que causaram a maior parte das emissões de gases de efeito estufa, e têm a obrigação de reparação para com os países mais pobres e em desenvolvimento, que sofrem mais com os impactos ambientais”. Para a ativista, não é o caso de falar em financiamento como um empréstimo, mas sim como um acerto de contas entre o norte e o sul global. “Afinal, ninguém vai ficar imune aos estragos das mudanças climáticas e já vemos uma enorme onda migratória de pessoas refugiadas climáticas. O resultado de modelos econômicos extrativistas deve ser pago por quem usufruiu dos recursos do planeta até este colapso”.

Sobre a intercessão entre a luta pela justiça climática e as religiosidades, como indígena tupinambá e pastora no colegiado Igreja Batista do Caminho, Priscilla destacou o potencial pedagógico das espiritualidades. “Infelizmente, esse potencial também pode ser usado para alimentar fundamentalismos e agravar as desigualdades com a justificativa divina para explorar grupos vulneráveis e levar ao apagamento da noção de que fazemos parte de um ciclo da vida muito maior”. De acordo com a pastora, se multiplicam os discursos de opressão sob a ótica hetero, cis normativa e colonial em igrejas que existem para vigiar e punir, quando a espiritualidade deveria ser libertadora e fomentar o pensamento crítico. “Quantas igrejas entenderam que têm que falar sobre as mudanças climáticas? O discurso do fim dos tempos serve ao controle e ao desinteresse pelas questões cruciais do planeta hoje”.

Mesmo ciente desta manipulação da fé no país para disseminar desinformação, a pastora ainda acredita nas comunidades religiosas como caminho para a sensibilização social sobre mudanças climáticas. “Os espaços da fé devem promover a alfabetização ecológica, porque a crise climática é também uma crise de valores. Confio na espiritualidade libertadora para ampliar a discussão climática no país”.

Seminário
KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Ações planos e projetos de Koinonia na voz de quem faz acontecer

No encerrramento, aconteceu a mesa “Qual o papel de KOINONIA?” com a breve apresentação das ações do primeiro semestre de 2025 e os projetos em andamento por Camila Chagas, Assessora Jurídica e de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, Nathalia Gouveia, Assistente de Projetos, e Amanda de Souza, da equipe de Koinonia e representante do Quilombo de Santa Rita do Bracuí.

Camila iniciou a exposição, falando sobre a ação de Koinonia no sistema prisional de Salvador, promovendo a assistência religiosa de matriz africana, e o lançamento de cartilha de orientação sobre o tema. Camila falou também sobre o oferecimento de assessoria jurídica gratuita por KOINONIA no apoio às comunidades e às pessoas afrodescendentes na defesa de direitos civis e políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, e ações de incidência em defesa do meio ambiente. Nathália e Amanda apresentaram os projetos Comércio com Identidade, que fortalece a produção de alimentos saudáveis e de artesanato das comunidades quilombolas, valorizando sua identidade cultural a proteção ambiental na região Baixo Sul da Bahia e no Estado do Rio de Janeiro, e o projeto “Agentes

Quilombolas de Ação pelo Clima”, que promove a capacitação de lideranças quilombolas já atuantes sobre a intersecção entre seus direitos e a questão ambiental e climática no contexto das mobilizações para a COP-30. A proposta é incentivar a incidência quilombola em espaços de discussão e negociação de planos de mudanças climáticas.

Seminário KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Sementes de esperança

Após uma série de contribuições e questionamentos das pessoas participantes às pessoas convidadas, Ana Gualberto encerrou as atividades do seminário, lembrando que viver para os outros é uma regra da natureza: “os rios não bebem sua própria água, as árvores não comem os seus frutos, o sol não brilha para si mesmo e as flores não espalham sua fragrância para si. E, para que este evento fique na memória, levaremos sementes em nossas mentes e corações, e também sementes físicas para plantar em nossas casas, pois o crachá do evento é feito de um papel que cortado e plantado dará frutos que nos lembrarão deste grande encontro. Axé”.

O final do seminário foi de confraternização entre a equipe, pessoas convidadas e pessoas participantes, em afetos e esperanças compartilhadas. Que possamos desfrutar de mais encontros como esse e que deles sejam plantadas as sementes de um futuro justo e solidário na perspectiva do bem-viver.

Seminário KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Redes de coloboração e afeto

Seminário KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
Rio de Janeiro

Redes de coloboração e afeto

koinonia@koinonia.org.br https://www.koinonia.org.br

Fé no proceder, na luta e na lida.
Enquanto a gente não conquista,
Segue em frente firme que a nossa firma é forte.
Nunca foi sorte, irmão, sempre foi Deus, sempre foi Deus.

Trecho da música Fé de Iza

Seminário KOINONIA 2025

23 de agosto
Scorial Rio Hotel
RRio de Janeiro

Equipe KOINONIA.

KOINONIA
Presença Ecumênica e Serviço
actaliança

Apoio

Brot für die Welt

HEINRICH BÖLL STIFTUNG RIO DE JANEIRO

CCFD TERRE SOLIDAIRE

iCS 10 ANOS
instituto CLIMA E SOCIEDADE